

A RUA COMO ALTERNATIVA DE MORADIA E SOBREVIVÊNCIA (1)

Maria Antonieta da Costa Vieira*

A crescente ocupação de espaços públicos como moradia pela população de rua incomoda diferentes grupos sociais e instituições, pelos mais diferentes motivos que vão de um sentimento de solidariedade com o desabrigado, passam pela indignação sobre o transtorno e sujeira provocados por aqueles que se instalam nas ruas e vão até as dificuldades que o poder público enfrenta diante de uma situação contraditória: Gerenciar o espaço público e atender as necessidades da população.

É voz corrente que esta população está aumentando nas ruas de São Paulo e de outros grandes centros do país. A imprensa tem constantemente dado destaque a esta questão, associando-a a um fenômeno, o internacional - aumento crescente dos "homeless" nos grandes centros urbanos no primeiro mundo, - fruto do processo econômico recessivo, onde imigrantes pobres e desempregados passam a usar a rua como alternativa de moradia.

A ausência de estudos sistemáticos sobre a população de rua impede seu dimensionamento mais preciso. Chega-se a exagerar seu número, fala-se em centenas de milhares de pessoas nas ruas de São Paulo(2).

Sem deixar de lado o fato de que é expressivo e crescente o número de pessoas que passam a viver nas ruas, é importante atentar para a dimensão simbólica do alvoroço com os números. A ocupação de praças, viadutos e jardins torna público o que fica escondido dentro dos barracos de favela, casas precárias de periferia e cômodos de cortiço do centro deteriorado, denuncia a falta de emprego, de moradia, a falta de recursos de higiene e saúde.

Na medida em que esta população passa a compor o espaço urbano, se incorporando à paisagem justamente nos locais privilegiados da cidade, ela

nos obriga ao incômodo de incorporar na nossa já frágil visão de nós mesmos como sociedade, o que foi gerado no seu processo de produção e reprodução da desigualdade. Mas quem é esta população de rua para além do avesso que ela apresenta aos nossos olhos?

Morar na rua: Publicização da vida Privatização do espaço público

É pouco ainda o que se pode falar sobre a população de rua do ponto de vista de estudos e pesquisas, uma vez que este tema tem sido excluído também da academia como objeto de estudo(3). No entanto, alguns trabalhos de investigação, realizados conjuntamente com grupos que já trabalham com esta população começam a sistematizar informações e reflexões(4).

Estamos entendendo por população de rua o grupo social que sobrevive da rua e a utiliza de forma permanente ou circunstancial como moradia(5).

É importante dizer que o mundo da rua não se esgota neste segmento de população. Convivem nele grupos diferenciados: prostitutas, travestis, traficantes, ambulantes, policiais, mendigos, um mundo subterrâneo com suas regras, suas relações de poder, no qual os "homens de rua" são apenas participantes, na maioria das vezes, submetidos e explorados.

Estar na cidade a partir da perspectiva da população de rua é por um lado estar excluído: da habitação, do emprego regular, dos direitos e serviços e por outro é estar integrado ao mundo social a partir de uma inserção peculiar, a de utilização das sobras do excedente social no que se refere ao consumo, ao trabalho, aos espaços públicos.

A população de rua tem na rua o seu grande arsenal de recursos(6). Para se alimentar serve-se de inúmeros pontos de distribuição de comida orga-

nizados por grupos voluntários e instituições filantrópicas e religiosas em vários pontos da cidade, conhecidos por eles como "boca de rango". Utilizam ainda as sobras de legumes e verduras das feiras livres, do mercado municipal e sobras de refeições oferecidas por alguns restaurantes. Os que "chegam" na rua vão recebendo informações a respeito dos "pontos". É comum se ouvir dizer entre os mais antigos: "na rua não se passa fome"(7).

A rua é também fonte de trabalho ainda que não exclusivo. Parte da população de rua utiliza a cata de papelão como principal estratégia para obtenção de dinheiro. Na rua também são realizados pequenos serviços, "bicos", como guarda e lavagem de carros, carregamento de caminhões, venda de alimentos, flores, etc... Sobreviver na rua não significa viver de esmolas. Na pesquisa SEBES/PMSP constatou-se que a maioria dos pesquisados realizam alguma atividade para ganhar dinheiro sendo as mais frequentes a de carregador, catador de papelão e encartador de jornais.

Os espaços públicos são usados também para dormir: praças, marquises de estabelecimentos comerciais, baixos de viadutos e mesmo buracos cavados na terra sob os viadutos são utilizados em gradações diferentes de permanência. Enrolados em cobertores ou papelão grupos masculinos, quase que exclusivamente, abrigam-se durante a noite nas ruas centrais da cidade, em prédios abandonados ou constróem abrigos improvisados sob viadutos. Por vezes se apropriam dos espaços de forma mais permanente. Em algumas situações formam-se agrupamentos que tendem a reproduzir a casa e a família na rua, organizando os espaços e atribuindo papéis aos membros do grupo. Muitas vezes o grupo se organiza em torno de uma mulher ou então de homossexuais que assumem papéis femininos. No entanto, a maior parte mantém relações pou-

co estáveis, estando ora num local ora noutro com companheiros diferentes.(8)

A rua é ainda espaço de sociabilidade, de convivência, onde se formam grupos de conversa, de troca de informações, de roda de pinga. É muitas vezes na rua que seus moradores fazem sua higiene pessoal utilizando fontes de água, bicas, chafarizes para tomar banho, lavar roupa, etc...

Morar na rua significa ter aí o seu habitat que implica em resignificar os espaços e alterar seus usos: realizar no domínio da rua o que usualmente faz parte do domínio da casa. O que é habitualmente privado - comer, dormir, se lavar, é agora público, feito diante de todos. Esta inversão tem uma outra consequência: ao tornar público o que é privado também privatiza o que é público. Espaços definidos socialmente como coletivos: para transitar, divertir, comemorar, contemplar tornam-se espaços de morar, preenchidos com objetos pessoais e atividades próprias do âmbito doméstico. Esta apropriação privada do espaço público subverte uma regra social básica de uso do espaço, o que torna conflitiva a ocupação das ruas como moradia. Neste contexto o poder público se torna uma espécie contraditória onde por um lado chegam as pressões de moradores, instituições públicas, etc... para remover a população dos locais, e por outro se avoluma a questão social de uma população que sem moradia ocupa as ruas. As respostas tradicionais que o poder público historicamente deu a esta questão foram basicamente a repressão e o assistencialismo.(9) Novas respostas precisam ser dadas às novas formas que o problema vem assumindo.

O mundo visto da rua uma visão ambígua

Desprovido de casa, de trabalho regular, na maioria das vezes de família, enfim, dos signos usuais nos quais ele possa se ver retratado e que revelam sua identidade, o homem de rua concentra sua expressão no corpo. Geralmente carrega consigo numa sacola seus pertences que se resumem a algumas roupas, objetos de uso pessoal e uma garrafa de pinga. Geralmente só, ou com companheiros ocasionais ele anda pelas ruas carregando seu mundo

nas costas. Desta perspectiva ele tem um outro olhar sobre a cidade e a sociedade. Pode, por exemplo, assistir do banco do jardim, da calçada ou da porta da igreja a passagem apressada do exército de trabalhadores regidos pelo horário apertado do relógio que regula a vida, espremidos pela condução, pelo trânsito, pelas cobranças do patrão, pelo pagamento do aluguel, pela falta de dinheiro no fim do mês, enfim, premidos pelas inúmeras obrigações e compromissos sociais a que devem responder.

É outro o tempo da rua, ele não está controlado pelo relógio. É possível passar horas assistindo a cidade acontecer. Não há pressa no andar lento e pausado do homem da rua. (10)

É no seu ritmo e no seu tempo que ele vai "batalhar" a sobrevivência: o "rango", o lugar de dormir, a venda de algum papelão, alguma ajuda financeira de instituições. Ele pode também viajar, ir até Santos para passear ou para o interior do estado porque arrumou um "bico" para fazer.

A partir da lógica da sobrevivência na rua é muito alto o custo que o trabalhador paga para ter teto e comida: o trabalho extenuante, o tempo controlado, para uma precária qualidade de vida, de alimentação e habitação. Uma vez socializado na rua, como retornar a um stressante cotidiano na construção civil ou em serviços gerais aliado muitas vezes a problemas de saúde e ao alcoolismo?

Assim como o morar na rua viola regra social de uso do espaço, a forma de sobrevivência desta população - que se faz apenas secundariamente pelo mercado seja o de trabalho ou o de bens - subverte os padrões e valores de reprodução da sociedade capitalista onde o trabalho aparece como a forma legítima de se garantir o susten-

to, e sua troca - através do dinheiro - a possibilidade de acesso às outras mercadorias.

A resposta da sociedade para aquele que não se enquadra é o estigma: "vagabundo", "malandro", "vadio" ou quando muito "coitado", ele é o "outro", o que não faz parte, que precisa ser eliminado ou reintegrado.

Mas o homem de rua também de forma extremamente rígida, assume o estigma lançado sobre si, utilizando os olhos da sociedade para avaliar sua condição social. Sente-se um "fracassado", um "caído". A justificativa para esta situação oscila entre estabelecer razões externas como a falta de emprego, a falta de apoio e a auto culpabilização, com destaque para o alcoolismo.

A forma que o homem de rua encontra de livrar-se do estigma é de negar a sua prática e o seu grupo social buscando, no nível da representação, identificar-se com os papéis socialmente aceitos. Assim é que muitos homens de rua, às vezes há anos morando na rua, se apresentam como trabalhadores que estão desempregados, que



Foto: Suzuki

perderam os documentos e que recomeçarão a trabalhar tão logo consigam recuperá-los. Efetivamente eles muitas vezes tiram novos documentos e tornam a perdê-los. O ritual do documento parece conter, simbolicamente, a tentativa reiterada de adentrar as portas da cidadania que resgataria a identidade perdida.

Quando perguntadas sobre o futuro, muitas pessoas que estão na rua expressam o sonho de constituir uma família, desde que pudessem ter condições de sustentá-la através de um trabalho regular e estável. Família e trabalho permanente, um projeto que certamente se prende a uma vivência e valores do passado e que se confronta com uma nova prática que não inclui o trabalho regular como alternativa de sobrevivência e estabelece outras formas de relação que não a da família constituída.

No entanto esta prática não é assumida. É comum entre os homens de rua referirem-se a si mesmos como trabalhadores e a seus companheiros como "vagabundos", "maloqueiros", "gente que não quer trabalhar". Neste sentido evitam identificar-se com seus iguais

quando estes revelam a face do estigma, preservando para si a identificação com os valores constituídos. No entanto, tendo como referência estes valores ele se vê como mal sucedido. Dessa forma, do ponto de vista social, o homem de rua se encontra numa dupla solidão: em relação ao seu passado e em relação ao seu grupo social. Neste contexto a garrafa de pinga, a "branquinha", é uma companheira inseparável. Ela ajuda a suavizar o desconforto, a solidão e permite o estabelecimento de laços com os companheiros de rua. A relação com o mundo na rua é privilegiadamente mediada pelo álcool. Suavizando as rupturas ele parece ter, para estas pessoas, o poder de tornar integrado dentro de si o que se apresenta tão fragmentado.

A trajetória da População de Rua ser da rua e estar na rua

Tornar-se morador de rua é um processo onde são rompidos vínculos - com o trabalho, a família, a moradia, o mercado - e onde vão sendo construídos novos referenciais. Aos poucos o indivíduo vai descobrindo através dos companheiros, as alternativas para vi-

ver na rua: os locais de distribuição de comida, os pontos de dormida, os "bicos" próprios da rua, as instituições assistenciais de atendimento.

Cortando cada vez mais seus vínculos com o passado o indivíduo vai se socializando no mundo da rua. Quanto maior o tempo na rua maior a dificuldade de reestabelecer os laços anteriores: obter um trabalho, alugar um cômodo, procurar os parentes. As pessoas que vivem na rua sofrem um processo rápido de depauperamento físico e mental agravado pela utilização permanente do álcool. Sua aparência vai mudando: suas roupas, seu andar lento, fazem com que ele seja identificado socialmente como "homem de rua", "mendigo", "vagabundo". Dessa forma ele cria uma relação de dependência cada vez mais forte com o mundo da rua.

No entanto, as pessoas que vivem na rua têm uma história que, na maioria das vezes, se fez fora dela.(11) Neste sentido, o morador de rua faz parte de um conjunto social mais amplo: da população sem residência fixa, sem trabalho regular, sem uma convivência permanente com o grupo familiar.



Foto: Alderon P. da Costa - CDCM

1 - INTRODUÇÃO

Fazem parte deste grupo, além dos moradores de rua, os trabalhadores temporários entendidos como aqueles que percorrem o país à procura de trabalho, seja no campo - como bóias-frias, peões, etc. - seja na cidade - como serventes da construção civil, ajudantes gerais de empresas de trabalho temporário, etc... Geralmente todos eles não possuem residência fixa: vivem em alojamentos, pensões precárias ou abrigos improvisados, geralmente estão sozinhos, aliando-se ocasionalmente a compenheiros de trabalho ou de aventura. São predominantemente homens.(12).

Socialmente este grupo é gerado no bojo do processo econômico-social que ao mesmo tempo que exclui uma parcela da classe trabalhadora do trabalho regular, da propriedade da terra,

a reproduz como necessária no trabalho temporário e informal. São exemplos disso os trabalhos sazonais de colheita no campo, os trabalhos não especializados na construção civil, os inúmeros trabalhos temporários urbanos de empresas de serviços, os "bicos" realizados informalmente na cidade.

Um contingente significativo da força de trabalho percorre este caminho. Não especializados - "pau para toda a obra" - vão se deslocando para diferentes atividades e diferentes lugares, alternando trabalho e desemprego. Esta diversidade e segmentação impede a criação de vínculos estáveis com o trabalho, a família, os lugares. Sua vida está sempre recomeçando. Quase nada é permanente, a não ser a procura cotidiana da sobrevivência. Ser morador de rua não é o destino

necessário de todo o grupo social descrito anteriormente como sem residência fixa e sem trabalho regular. Pode-se dizer que esta é uma das possibilidades para esta população nos grandes centros urbanos que pode crescer na medida em que a conjuntura restringe as possibilidades de emprego e moradia.(13)

Cabe dizer que aqueles que estão próximos desta condição rejeitam violentamente a identificação com o morador de rua.

Na pesquisa realizada pela SEBES-PMSP foram incluídos não só moradores de rua mas frequentadores de um albergue da cidade que possui convênio com a prefeitura. O perfil desta população coincide em vários pontos com a população moradora de rua. São principalmente homens, tendo em média de 30 a 35 anos, estão desempregados ou fazem trabalho temporário, especialmente na construção civil ou empresas de limpeza, conservação ou vigilância e não vivem com a família. Mais de 70% está há mais de um ano e meio em São Paulo, ou seja, não são migrantes recentes. Vivem em pensões precárias ou alojamentos de obras e são frequentadores de albergues e do Cetrem.

O dado surpreendente é que 40% dos pesquisados declarou já ter dormido na rua quando estava sem dinheiro e não conseguiu obter vagas nos albergues.

O trabalhador da construção civil que vive no alojamento ao perder o emprego perde também a moradia. O trabalhador temporário desempregado não tem como pagar uma vaga de pensão. A situação de crise econômica tende a expor um número cada vez maior de pessoas à possibilidade de ficar na rua. O estar circunstancialmente na rua faz com que este trabalhador conheça as estratégias de sobrevivência oferecidas pela rua e passe a fazer uso delas. Na pesquisa sobre os pontos de distribuição de comida realizada pela SEBES-PMSP foram encontrados vários trabalhadores da construção civil que estão utilizando estes locais para se alimentar. (14)

Diante de uma conjuntura de empobrecimento e desemprego a rua se torna cada vez mais, para um segmento da população, uma alternativa face aos problemas de moradia e sobrevivência, deslocando cada vez mais para o passado a imagem tradicional do morador de rua, a do andarilho pedidor de esmolas.

* Maria Antonieta da Costa Vieira é socióloga da Secretaria Municipal do Bem Estar Social de São Paulo e doutoranda da UNICAMP.

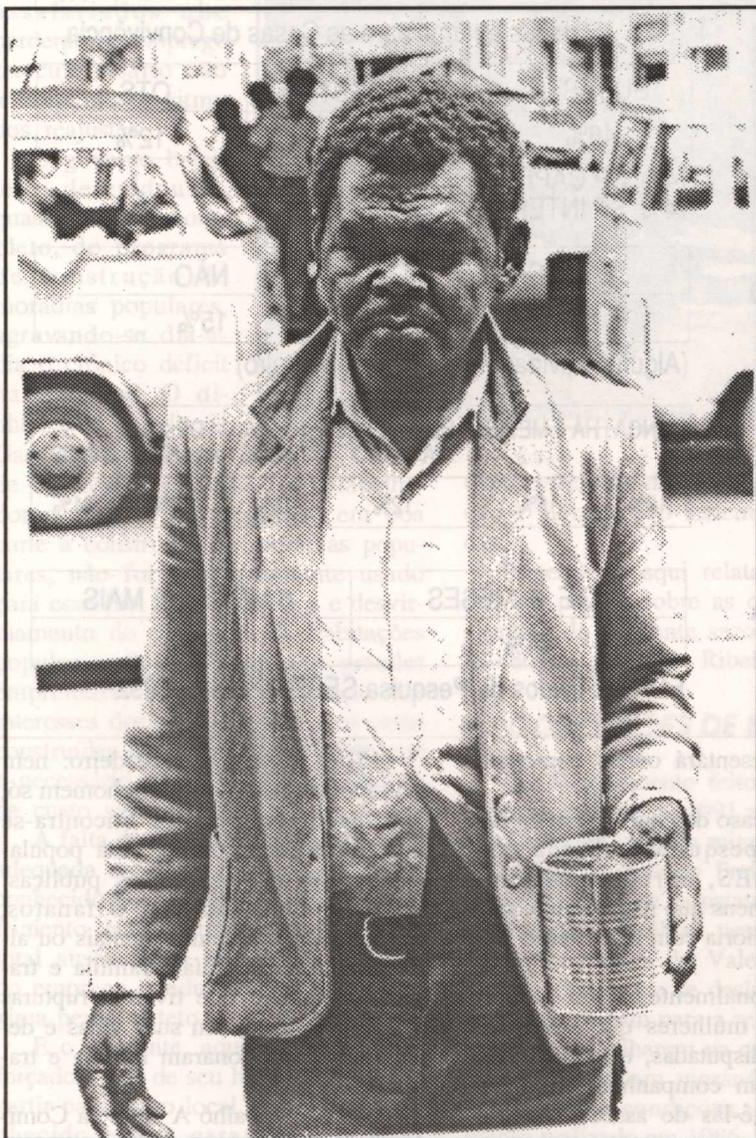


Foto: Alderon P. da Costa - CDCM

Notas

(01) Este artigo tem como referência a pesquisa que vem sendo realizada sob a coordenação da SEBES-Secretaria Municipal de Bem Estar Social de São Paulo denominada: "Ação intersecretarial junto à População de Rua", com assessoria da PUC/SP e do Centro Latino-Americano de Estudos em Saúde Mental.

(02)-No levantamento realizado em maio por SEBES na pesquisa "Ação Intersecretarial junto à População de Rua", na área central da cidade foram encontradas aproximadamente 5 mil pessoas dormindo ao relento. É necessário, no entanto, observar que não estão incluídos nestes números aqueles que dormem nos depósitos de papelão e "mocós" (casas abandonadas) e que o levantamento não abrangue a cidade como um todo.

(03)-Exceção seja feita ao consistente trabalho de Stoffels, MarieGhislaine: Os mendigos na cidade de São Paulo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

(04)-A pesquisa realizada pela Prefeitura de São Paulo conta com a participação de entidades que trabalham há muitos anos com a população de rua, como a "Comunidade dos Sofredores de Rua", e que possuem uma reflexão acumulada a partir de sua prática.

(05)-Esta noção está sendo utilizada na pesquisa realizada pela Prefeitura: "Ação Intersecretarial junto à População de Rua" - Projeto Operacional. SEBES/PMSP; Mimeo, 1990.

(06)-Ver Broide, Jorge - "A Rua como Instituição". Centro Latino-Americano de Estudos em Saúde Mental, Mimeo, 1991. O autor desenvolve uma análise interessante sobre a relação estabelecida com a rua como fonte de recursos.

(07)-Ver trabalho sobre a Rota da Comida - a "Boca de Rango", SEBES, 1991, Mimeo.

(08)-Ver trabalho sobre Remoção, SEBES, 1991, Mimeo.

(09)-Ver: idem 7.

(10)-Sobre o tempo do catador de papel ver: Dias, C.J.Morais - A Catação de Papel na Ruas de São Paulo. São Paulo, Mimeo.1987.

(11)-Começa a existir uma geração que nasceu e cresceu na rua, que cer-

PERFIL DA POPULAÇÃO DE RUA FREQUENTADORA DAS CASAS DE CONVIVÊNCIA E DOS ABRIGOS DE INVERNO - SEBES/PMSP

SEXO	HOMENS		MULHERES			
	92%		8%			
COR	BRANCO	PARDO	NEGRO			
	50%	30%	20%			
	-30 ANOS		30 A 40 ANOS	40 E MAIS		
IDADE	27%		40%		33%	
	ESCOLARIDADE	ANALF.	SEMI ANALF.	1º GRAU INC	COM	2º GRAU INC
4%		7%	73%	10%	2%	4%
(*) dados apenas para as Casas de Convivência						
ORIGEM	SUDESTE		NORDESTE		OTS	
	46%		42%		12%	
	14% SP CAPITAL		14% SP INTERIOR			
TRABALHO	SIM			NÃO		
	85%			15%		
(Alguma atividade para ganhar dinheiro)						
TRABALHO REGISTRADO	NUNCA	HÁ 6 MESES	DE 6 MESES A 1 ANO	DE 1 A 2 ANOS	DE 2 A 5 ANOS	+ 5 ANOS
	13%	16%	12%	11%	17%	31%
TEMPO NA RUA	ATÉ 6 MESES			6 MESES E MAIS		
	44%			56%		

FONTE: Dados da Pesquisa SEBES/PMSP - 1992

tamente apresentará outras características.

(12)-No caso dos que vivem na rua, segundo a pesquisa realizada pela PMSP/SEBES, aproximadamente 90% são homens que não vivem com a família, a maioria com idade entre 25 e 40 anos.

Proporcionalmente, há um número pequeno de mulheres que vivem na rua. Muito disputadas, elas costumam recorrer a um companheiro fixo que possa protegê-las do assédio dos demais.

(13)-O inverso é verdadeiro: nem todo morador de rua foi um homem só, trabalhador temporário. Encontra-se entre eles, por exemplo, uma população egressa de instituições públicas: FEBEM, Penitenciária, Orfanatos, pessoas com problemas mentais ou alcoólatras, que possuíam família e trabalho regular, e que tiveram rupturas emocionais fortes em suas vidas e depois disso abandonaram família e trabalho, etc...

(14)-Ver trabalho A Rota da Comida, idem 5.